

CONCEITOS FALSOS SÔBRE ACIDENTES DO TRABALHO DIFICULTAM A SUA PREVENÇÃO

Eng.º NOEMIO BRZOSTEK (*)

O desconhecimento em relação à um determinado assunto é preferível à situação provocada por conhecimentos errados à respeito desse assunto. Os conceitos errados, comuns em todos os escalões, sôbre acidentes no trabalho, não só provocam o desinterêsse que a ignorância sôbre o assunto provocaria, mas têm como consequência um verdadeiro desdém do pessoal com tudo o que se relacione à prevenção.

Como o problema envolve fatores humanos e econômicos é obrigação de cada funcionário conhecer quais os pontos nos quais em geral, os conceitos existentes são errados.

Segue um comentário a respeito dos erros mais frequentes na maneira de encarar os problemas, alguns comuns às indústrias e outros particulares à SAEC.

1.º CONCEITO FALSO: a prevenção de acidentes deve ser realizada com finalidades de assistência social para evitar a dor humana.

Não há dúvida de que o sofrimento humano deve ser combatido. O motivo fundamental, no entanto, para a grande difusão da prevenção de acidentes dentro das indústrias de grande porte é o seu caráter econômico. Pode parecer chocante, mas, na guerra da concorrência as indústrias procuram organizar-se em relação à prevenção de acidentes, por motivos, antes de tudo econômicos, ou seja, porque os prejuízos econômicos advindos dos acidentes são maiores do que os gastos para evitá-los. Esses prejuízos não são apenas os de pagamentos de licença e indenizações mas todos aqueles que, indiretamente, são provocados pelo acidente, como por exemplo: tempo de serviço perdido pela paralização; tempo perdido pelos Chefes ou Supervisores; tempo perdido pelos colegas, no socorro à vítima, nos comentários posteriores e na insegurança e revolta que o acidente possa vir a

causar; eficiência e rotina do serviço interrompida pela necessidade de substituição do acidentado; custo do treinamento e prejuízo do serviço durante o tempo de adaptação para substituir temporariamente o elemento acidentado; quebra de ferramentas, máquinas ou produtos; atrasos nos serviços, às vêzes urgentes; tempo perdido em «listas» para ajuda ao acidentado ou sua família, etc.

Existem centenas de estatísticas, várias nacionais, provando que a boa organização da prevenção de acidentes dá lucro às empresas.

2.º CONCEITO FALSO: os acidentes ocorrem ao acaso.

Na maioria dos acidentes é possível descobrir-se as causas e anulá-las ou pelo menos atenuá-las para que o acidente não mais se repita. Restam muito poucos acidentes com causas difíceis de serem descobertas ou controladas e que então são atribuídos ao acaso, mas, que estatisticamente não atingem mais de 2%. Estas estatísticas revelam a diminuição acentuada da freqüência dos acidentes com o decorrer dos anos de aplicação da prevenção e demonstram diferenças enormes nos números de acidentes entre fabricantes do mesmo produto quando existe prevenção numa só das fábricas.

3.º CONCEITO FALSO: a prevenção de acidentes pode ser economicamente aplicada nas indústrias, onde é elevado o número de acidentes, mas não na SAEC, onde existem relativamente poucos acidentes.

Novamente somos obrigados a recorrer às estatísticas. O manual da AWWA — Safetey Practice for Water Utilities (3.ª edição, pgs. 1 à 7) faz várias comparações de freqüência e gravidade de acidentes em serviços públicos de abastecimento de água e em indústrias e outros serviços públicos, chegando às seguintes conclusões:

(*) Eng.º Chefe da Secção de Transportes e Presidente da CPA da SAEC.

a) os acidentes no abastecimento de água são comparáveis, em periculosidade, aos das indústrias mais perigosas, como serrarias ou mineração.

b) no abastecimento de água existem cerca de:

1. 19 vezes mais acidentes do que no serviço de comunicações;
2. duas e meia vezes mais acidentes do que no fornecimento de energia elétrica;
3. 1,8 vezes mais acidentes do que nos serviços de gás.

Os dados publicados no manual demonstram ainda o grande decréscimo no número de acidentes em vários sistemas de abastecimento de águas nos Estados Unidos, com a aplicação de prevenção.

Quanto às estatísticas dentro da SAEC o mesmo acontece. Tivemos em 1970 índices superiores à Light e à média das indústrias. Estamos muito longe das médias americanas de acidentes no abastecimento de água e chega a nos parecer irreal a estatística do «East Bay Municipal Utility District» de Oakland, Califórnia que conseguiu 1.105.352 homens-horas de trabalho sem perda de tempo por acidentes (este número de homens-horas de trabalho equivale a cerca de um mês de trabalho na SAEC e a média mensal de dias perdidos por acidente no 1.º semestre de 1971 na SAEC foi de 449 dias).

4.º CONCEITO FALSO: Os métodos de prevenção adotados nas indústrias não são válidos para nós, pois os acidentes de indústria são de tipos e causas diferentes dos nossos.

O mesmo manual da AWWA preocupou-se com o assunto e classificou tipos e causas dos acidentes chegando à conclusão de que os diversos tipos de acidentes ocorrem no abastecimento de água na mesma proporção em que ocorrem nas indústrias. Chegaram a dados de porcentagens quase idênticos em relação às partes do corpo mais atingidas e, concluem pela identidade de causas e, por isso, identidade nos métodos de prevenção.

5.º CONCEITO FALSO: a prevenção de acidentes na SAEC não compensa tanto como na indústria, em função da provável menor produtividade do nosso trabalhador.

Em outras palavras, quem pensa assim, quer dizer que quando não conseguimos evitar o aci-

dente não perdemos muito porque estamos perdendo mão de obra de baixa eficiência.

O que ocorre é que o acidente, quase sempre, se dá com nosso homem mais trabalhador, mais eficiente. O acidente leva os melhores homens, aqueles que com maior tempo e com maior empenho se concentram na execução de sua tarefa. Os ineficientes, os que pouco trabalham, têm probabilidades proporcionalmente menores de se acidentarem no trabalho.

Além disso, tôdas as despesas com o acidente, referidas no item 1.º, existem independentemente do tipo de funcionário acidentado.

6.º CONCEITO FALSO: o acidente ocorre provocado pelo pessoal distraído, embriagado ou incompetente.

Normalmente, como já foi dito no parágrafo anterior, o acidente ocorre com os bons elementos, que mais trabalham.

No caso de bebida e distração temos de nos referir a dois tipos de comportamento.

a) Os elementos que habitualmente não são distraídos e não bebem. Por não ser um problema crônico a bebida ou distração ocasionais pode ser mais facilmente combatida com a prevenção por meio da educação.

b) No caso do bêbado contumaz ou do elemento conhecidamente distraído. É evidente que neste caso o acidente, se ocorrer, é de responsabilidade da administração, pela prática insegura ao colocar esses elementos em serviços que, para eles, podem se tornar perigosos (exemplo: colocar um elemento que sistematicamente bebe num serviço de limpeza de janelas de um edifício ou um elemento que anda sempre distraído, numa sub-estação de alta tensão).

7.º CONCEITO FALSO: o acidente dentro da SAEC ocorre nas valas e nas oficinas, e não há mais o que fazer quanto à prevenção além desses dois pontos.

É realmente muito fácil a percepção do risco numa vala que desmorone ou num esmeril que se estilhaça. O risco, no entanto, existe em todos os serviços. Existe uma resposta unânime quando se pergunta qual é o serviço dentro da SAEC com menor possibilidades de ocorrência de acidentes. Sem pestanejar, a resposta é: serviços de escritório. Já no caso, se torna mais difícil a percepção do risco e o que o inspetor de segurança costuma fazer é a «análise de risco»: subdivide a tarefa em etapas menores pro-

curando, com a sua experiência, verificar tôdas as possibilidades de substituir etapas de maior risco por outras de menor risco.

Aplicou-se a análise de risco a serviços de escritório. Isto em função das estatísticas em acidentes de escritório terem revelada existência de simples ferimentos até fraturas, lesões cerebrais, necessidade de amputações e mesmo mortes.

A análise estudou os diversos passos de uma secretária desde a sua entrada no escritório e convém seja dada uma idéia do problema, já que a concordância quanto ao pequeno risco de acidentes em escritório é unânime e a análise é aplicável à todos os tipos de trabalho.

Inicia o estudo quando a secretária estende a mão para abrir a porta do escritório. A porta é aberta do outro lado pelo seu chefe, que com a pressa de sair acaba derrubando a secretária no chão (portas de muito movimento devem ter uma parte em vidro de segurança — para não quebrar — para permitir a visualização).

A pressa do chefe, contudo, não o impediu de apagar a luz e a secretária ao entrar na sala escura (problema de projeto do edifício) tenta acendê-la levando um choque porque o interruptor estava sem o espelho (falha na conservação do edifício). Felizmente a secretária não tinha problemas cardíacos nem estava molhada por chuva ou suor quando um choque de 110 V poderia ser fatal.

Depois do choque conseguiu acender a luz mas tropeçou no cesto de lixo que estava fora de lugar (falta de arrumação e ordem). Caiu, depois tropeçando no tapete, cuja ponta estava levantada.

A gaveta alta do fichário estava aberta, fora do campo de visão normal, o que causou um ferimento grave na cabeça de nossa secretária. O mesmo fichário tombou sobre a secretária quando foram abertas diversas gavetas ao mesmo tempo (prática insegura).

A seguir a secretária procurou o mercúrio cromo no peitoril da janela alta e uma das 20 garrafas que normalmente se colocam nos peitoris de janelas altas caiu sobre ela (novamente problemas de ordem e arrumação). Uma pilha de papéis sobre o outro armário acabou tombando aos seus pés quando ela tentava abrir a porta, empenada pelo excesso de peso das pilhas de papel sobre o armário. E ela acabou quebrando o vidro dessa porta ao tentar fôrçá-la. Não quis interromper novamente o seu trabalho para curar o ferimento que o vidro quebrado havia feito na sua mão, arriscando-se a uma infecção de conseqüências imprevisíveis (caso perdesse o braço por êsse motivo, mesmo que

isso acontecesse alguns dias depois, o acidente seria considerado acidente do trabalho). Procurou sentar-se, imaginando o que poderia acontecer à ela, quando sentada. Fraturar o pescoço com a queda da cadeira reclinável é acidente frequente (prática insegura reclinando demais a cadeira). Usar a gilete ao invés de apontador de lápis ou alfinete para substituir clips acaba provocando pequenos acidentes (que podem se tornar grandes). É comum ainda cortar o dedo com a penetração de fôlhas de papel debaixo da unha. Nossa pobre secretária deverá ainda tomar muito cuidado com tacos soltos, lâmpadas fluorescentes que caem com grande facilidade das luminárias abertas (a solução é, no caso, amarrar simples pedaços de barbante na luminária para que as lâmpadas ao desprenderem-se dos suportes, sejam retidas. A queda da lâmpada e inclusive da luminária tôda já ocorreu várias vezes na SAEC).

Outros problemas seriam ainda a sobrecarga nas instalações elétricas, ocasionadas quase sempre por extensões de novas tomadas necessárias pela subdivisão das salas grandes, além dos famosos «benjamins» (numa das vistorias de elementos da CPA no edifício da Secretaria, uma das paredes numa sala, na altura onde passava o conduit, estava quente, tal era a sobrecarga).

Alguém do escritório deveria preocupar-se com extintores de incêndio. Comprá-los e aprender a operá-los. A prevenção de incêndio, constituindo-se em normas simples, deveria ser do conhecimento também da secretária.

Na cosinha do escritório deve haver cuidado especial com os fogões que ficam ligados na maior parte do tempo para aquecimento de café: O elétrico tem seus problemas e o de gás é pior pois no caso de uma interrupção no abastecimento e retorno após algum tempo o gás escapa e se não fôr sentido por ninguém, adeus secretária.

Ela sofrerá ainda os problemas de projeto, de deficiência de iluminação e ventilação, caixilhos baixos com vidros grandes sem segurança (podendo provocar até a queda de um andar alto), escadas sem corrimão ou proteção, divisões feitas com materiais facilmente combustíveis, e detalhes não visualizados sob o ponto de vista de segurança, como maçanetas angulosas das portas (que freqüentemente rasgam camisas ou paletos, prendem pulseiras de relógios e anéis ferindo quem passa correndo), portas com sentido errado de abertura, cantoneiras de paredes não arredondadas em locais de muito movimento, etc.

A análise estendeu-se mais ainda e a nossa secretária morreu diversas vezes.

Com isso parece estar evidenciado que o acidente ocorre também fora das valas e das oficinas. Basta uma análise mais detalhada e encontraremos um caminho mais seguro em qualquer serviço.

8.º CONCEITO FALSO: a prevenção de acidentes resume-se na compra de materiais de prevenção.

Não há dúvida quanto à necessidade de: botas, luvas, capacetes, sapatos com biqueira, protetores auditivos, perneiras, aventais de solda, óculos, cintos de segurança, detetores de gás, máscaras contra gás de esgoto (ou cloro), etc. Muitas reclamações quanto à materiais de segurança foram feitas à C.P.A., mas várias dessas reclamações eram improcedentes: os materiais de segurança encontravam-se nos almoxarifados das próprias unidades reclamantes. É comum, além disso, funcionários trabalhando com o material de prevenção jogado ao lado.

Além disso grande parte dos acidentes independem de grandes aquisições de materiais de prevenção. O escoramento de uma vala pode exigir muita madeira mas o material necessário para a confecção de uma escada não é de grande porte. No entanto, apesar do grande número de quedas do pessoal ao descer para a vala, só recentemente e em poucas CIPAS a adoção da escada foi imposta. Na maioria dos casos o pessoal ainda desce para uma vala de 3 metros de profundidade, ou mais, na base do alpinismo.

Existe mais um problema: é importante o uso de óculos no esmeril; é importante o uso de protetores auditivos em estações de recalque. É porém muito mais eficiente a proteção na própria máquina por meio de anteparos ou uma cabine acústica na estação. A proteção coletiva é à prova de má vontade, distração ou imperícia na colocação do protetor individual por parte do funcionário.

A conclusão: deve existir outro fator, além da existência dos materiais de prevenção de acidente, para a prevenção eficiente. Este outro fator só se desenvolve com a eliminação da ignorância a respeito do assunto e com a consciência de cada funcionário de que, com a aplicação da prevenção, está defendendo aos interesses da SAEC e aos seus próprios interesses. Esse fator é conhecido como o «espírito de segurança».

9.º CONCEITO FALSO: num mundo de guerras e fome o acidente não ocupa lugar de tamanha importância como se quer à ele atribuir.

Pelo fato de os acidentes ocorrerem distanciados no tempo e no espaço, somente a consulta aos dados estatísticos permitirá uma visão geral à respeito da importância do assunto.

Imaginemos um acidente incrível, um incêndio no edifício da Secretaria de Obras provocando a queda de lajes e paredes e ocasionando o ferimento de 403 funcionários e 7 mortes, 5 de funcionários e duas de pessoal de fora da SAEC incluindo uma criança. Evidentemente um acidente deste porte seria considerado uma catástrofe e comentado por todos. Pois bem, foi esse o número de mortes e feridos durante o ano de 1970 na SAEC. Como eles ocorreram em datas e locais diferentes o impacto só aparece quando se conhece o número total.

Na SAEC existem outros dados que assustam. Por exemplo o número de acidentes em veículos: cerca de 1/3 da frota circulante se acidenta por ano, isto é, em 3 anos todos os veículos da SAEC se acidentarão.

O INPS publicou uma estatística nacional em relação a todos os operários registrados e a conclusão é chocante: em cada 6 operários 1 se acidentou durante o ano de 1970 (esta proporção aumentou no 1.º semestre de 1971).

Em 6 anos todos os trabalhadores sofrerão acidentes com perdas de dias ou meses ou da vida, em nosso país. O problema não é só nosso. Em 1970 o índice brasileiro de acidentes para cada 100 empregados foi de 16,7. Nos Estados Unidos o índice foi de 2,8 (dados publicados no Jornal da Tarde em 24-8-71, página 10). Apesar disso existem estatísticas americanas mostrando que durante os anos difíceis da guerra no Vietnam morreram e se feriram mais americanos por acidentes do que na própria guerra.

O retrato do acidente é este: uma verdadeira e contínua guerra. Com as mesmas consequências de dor, fome e prejuízos das guerras comuns. É, no entanto, uma guerra mais fácil de ser combatida, uma guerra que em alguns países já se encontra bastante atenuada e que depende, para isso, do conhecimento e apoio de todos.